

ITALIÁPOLIS, A RAINHA DOS CÓRREGOS!

Na época do 'é tudo nosso', os 'Caboclos Sem Terra' tomavam posse até do que não podiam, mas o fez sem imaginar o problema que teriam no futuro tal o volume de córregos. Água e terra significam trabalho.

Num levantamento feito em gabinete, sem nenhuma pesquisa de campo, encontramos para mais de cinquenta "córregos", todos batizados com nomes os mais românticos.

Córregos e riachos são sinônimos, despretensiosos cursos d'água que se deslocam como os humanos, nas mãos de Deus. Chegam aonde chegar.

O corajoso que se meter com a Hidrologia Italiapolitana e dela tirar proveito não será esquecido, tampouco 'a mãe'. As águas pertencem ao Poder Público e ao taxá-las como privilégio, como de fato o são, a coisa vai arder. A lei é constitucional e a arrecadação, excepcional.

Em cada canto do nosso Município há um veio d'água aflorando ou quando não escondido sob os nossos pés, absorvendo todas as descargas de paixão e ódio.

vários não resistiram e secaram, desapareceram como por encanto.

Gostaríamos de relacionar todos. Todos são significativos, úteis e históricos, mas seria enfadonho àquele que lê. Citemos alguns cujos nomes seriam mais curiosos como o Córrego do Amador, do Retiro, da Amoreira, do Romanelli, o Córrego da Porteira, do Capim Alto, do Maribondo, da Agulha, o Córrego Salta Cavalo, Córrego do Lenço, o Córrego da Raiz e por aí vai.

Cada um desses riachos corta chão, cortou vidas em intrigantes sentimentos. Escolhemos três e dos três fomos buscar histórias do nosso povoamento, de um mestiçamento inevitável.

Meu riacho de Deus, se você fizer eu me casar com o João, dizia e repetia a jovem debruçada sobre a água lavando a sua roupa, o nosso primeiro filho se chamará Raiz, assim, como o seu nome, pra você nunca mais ser esquecido.

Promessa feita por uma menina que mal começara a ser mulher, de amor inocente que brilhava em seus olhos. Sabia bem, a nossa jovem, do 'não' que iria ouvir de seu pai.

O João, conquanto bom rapaz e filho dedicado, um trabalhador, trazia no sangue afluindo na pele e nos traços, as suas antigas origens africanas.

Um Inverno passou, dois ou três mais e esse namoro proibido prosseguia, quase sempre assistido pelo Córrego

da Raiz. Numa tarde de Domingo aconteceu o 'inevitável', e do inevitável, a gravidez.

No início a violência, depois a raiva seguida pelo desprezo. O João suportou calado; ouvia e pensava em sua italianinha gorducha e risonha. O mundo poderia cair, porém o seu encanto pela noiva, jamais.

A promessa feita à margem das águas não foi esquecida e o Córrego da Raiz se transformou em um Santo de Devoção. Casou-se numa festa sem entusiasmo, quase às escondidas e as três crianças, como dizia a mãe da moça, foram morar em uma das casas da colônia. Ali mesmo nasceu o Raiz, um menino branco e lindo como a mãe, com olhos azuis do avô embirrento.

Curioso, o menino trouxe, lá nele, descendo da orelha até o peito, uma tênue linha preta, fina e sinuosa, com volteios como de um curso d'água.

De quem vinha pelo caminho, em direção ao sítio, de a cavalo ou carroça, de longe via o Córrego do Capim Alto. Só em suas margens crescia aquela qualidade desconhecida de capim; um verde forte e sedoso que balangava com qualquer ventinho.

E como o fogo das secas chegava até ele e não o queimava, os situantes que por dentro dele passavam faziam o Sinal da Cruz com todo respeito. Esse 'córrego'

tem coisa, dizia o povo meio cismado, nem fogo, nem seca pode com ele.

Outra coisa diferente, muito estranha, o tal do capim só dava no trecho em que o córrego cortava o Sítio do Francanelli, um bem sucedido cafeicultor.

O homem chegou da Itália moço e só. E só ficou rico, com quatro ou cinco colheitas de café, um café excepcional qualidade, uma peneira de primeira, com sabor e aroma sem iguais.

O imigrante Francanelli, ao desembarcar no porto de Santos, esperava por ele, para a sua maior surpresa, uma índia morena, jovem bem posta e de beleza Guarani. Convidada, confiante mais nos gestos do que nas palavras de seus vernáculos cruzados, a nova 'Iracema' seguiu com o italiano e com ele veio se casar em Italiápolis.

Os filhos mestiços nasceram ali no sítio; a mãe os banhava no Córrego do Capim Alto e o casal os viu crescer tão bonitos, ágeis e habilidosos no trato dos cafeeiros.

A geada de 1.918, numa noite, empobreceu meio mundo, menos o italiano Francanelli, protegido por aquele córrego estigmatizado. O fato criou o mistério e de longe vinham pessoas em busca de suas águas, de ramos do capim para simpatias e remédios.

Assim nos contou um velho caboclo, num cair de tarde lá pelas bandas do bairro do Quadro. Fumava o seu ajeitado cigarro de palha e coçando a barba arrematou

pensativo --- de lá nunca saiu uma história triste, benza Deus! Naquele córrego nasceu o bem-querer ...

Na Estrada de Borborema, pelos idos de 1.930, havia um trecho lazarento chamado 'Subida da Bananeira'. Na época das águas nem a cavalo se subia. O cavaleiro apeava e devagar puxava o seu animal pela rédea até o tope. Os nomes feios ecoavam na mata.

O interessante é que por lá nunca se plantou um pé de banana. Por que o nome Córrego da Bananeira? E na tal subida de mais de 500 metros? Por que 'da Bananeira'? Sai em busca de uma explicação. Nada cai do Céu.

O Córrego da Bananeira foi um afluente do Ribeirão da Onça. O 'Onça' hoje virou um riacho e o 'Bananeira' secou, sumiu, mas o costume registrou o nome.

Em 1.948, mexilhão, andei ouvindo casos e anotando das razões desse nome esdrúxulo para um córrego tão bonito, limpo e cheio de corredeiras.

Dos mais novos nenhuma explicação, porém disseram-me que na propriedade do Sr. Giuseppe e cujo nome de 'famiglia' não me recordo, havia um 'preto velho', antigo morador e de muita lucidez.

Em um Domingo de Ramos sai a procura do rancho desse negro ou sei lá de que cor. Batendo o Córrego da Bananeira avistei uma casa meio barrote meio tijolo, desancada, mas de quintal varrido por galinhas.

sem cerca e sem porteira fui logo usando o 'ó de casa' com medo de algum cachorro safado. Dos fundos ouvi uma fala mansa --- entra, a casa é nossa ...

Hesitei e apertando o meu bernal de lanche, pensei, puta merda, eu não vou entrar. Acho que vou 'pros fundos', vou dar a volta, entrar? Não! A 'paura' sempre foi o meu forte.

A criatura apareceu à porta. Alquebrada, caminhava arrastando uma perna. Carapinha branca e um sorriso ainda com vários dentes. O velho não me assustou, pelo contrário, não levava jeito de fantasma.

Para encurtar a história, almocei com ele! Prato feito no fogão! Feijão mulatinho com pé de porco! Arroz branco e banana frita!

Perguntado das razões do nome do córrego, o velho mostrou-me os seus "15 pés de bananeiras" que segundo ele teria trazido das Minas Gerais.

Os italianos daqui, quando eu cheguei, não conheciam a bananeira, disse-me em tom de valentia. E o velho, sorrindo, arrematou --- eu 'qui dei' o nome ao córrego e a tudo mais ...

Naquela época as mulheres tinham vergonha de comer banana. Em público, nem pensar. Até hoje fico a pensar, que bobagem! É uma fruta doce e gostosa, puro potássio, um estimulante para os músculos, uma distração para a alma maliciosa.